

“*Llegamo en otra ciudad, amigo*”: um estudo de caso sobre mobilidades e solidariedade realizado por um grupo Warao¹

Jamerson Bezerra Lucena – UFPB

Warao. Mobilidade. Rede de solidariedade

Introdução

O objetivo principal desse trabalho é o de compreender os deslocamentos espaciais e as ações de solidariedade realizadas por um grupo indígena Warao, procedente da Venezuela, que vive no estado da Paraíba, tendo como fio condutor as narrativas produzidas por esse grupo étnico, alojado num abrigo sob a responsabilidade de uma instituição religiosa na cidade de João Pessoa, capital paraibana. Posto isso, o enfoque central são as mobilidades e as estratégias de ação entre outros grupos de parentes, desembocando numa rede de solidariedade. Além disso, busco através das relações interétnicas construídas e observação participante compreender o porquê (e como) ocorrem essas mobilidades por outras cidades da região Nordeste, tendo como recorte para este estudo a rota de mobilidade entre os estados da Paraíba, Pernambuco e Bahia.

Os Warao são considerados o principal contingente de refugiados indígenas venezuelanos que chegaram ao Brasil nos anos de 2014 (QUINTERO, 2015), além da existência de outras etnias, por exemplo, *Eñepá*, *Kariña*, *Pemón*, *Wayúu* entre outras. Eles são considerados a segunda maior população indígena deste país. Segundo os dados do INE (2011) a população Warao chega a 48.711 pessoas. Amparados pelas ações de vários estados brasileiros, instituições religiosas, além do exército brasileiro os indígenas acabam ficando sob a responsabilidade das instituições públicas (ou em convênio com instituições religiosas), representantes da esfera estadual, municipal ou federal, vivendo a partir de então em abrigos, sem, no entanto, deixar de criar articulações (redes sociais) com grupos de parentes em outros estados, além de manter suas dinâmicas territoriais por outras cidades.

A maioria dos grupos Warao que estão aqui na Paraíba são procedentes da região de Winikina, situada no município de António Diaz, pertencente ao estado do Delta Amacuro. A

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 3 de setembro de 2022.

crise humanitária eclodiu nos anos de 2014 quando 4,5 milhões de venezuelanos deixaram seus país. Segundo o ACNUR (2020) mais de 4,5 milhões de venezuelanos deixaram seu país, onde desse total 650 mil são solicitantes de refúgio, incluindo aqui muitos indígenas. De acordo com Soneghetti (2017, p. 8), a crise ocorreu pela queda nos preços do petróleo, desestimulando a produção econômica e, conseqüentemente, resultando em “altos níveis de desemprego, desvalorização da moeda e hiperinflação, ocasionou perdas de programas sociais e redução de seus valores, bem como a escassez de bens alimentícios e a dificuldade de acesso a eles, potencializando os fluxos migratórios”, afetando principalmente as populações mais vulneráveis, como os indígenas.

Segundo Quintero (2015) desde muito tempo a Venezuela vive economicamente da exploração do petróleo e, assim, depende da renda das exportações desse produto para alimentar sua economia e manter a governabilidade, no entanto, essas ações dependem da valorização do petróleo no mercado internacional, onde muitas vezes ocorre oscilações cambiais, causando forte queda nos preços internacionais das commodities (petróleo, ferro, ouro etc), gerando crises cíclicas. E devido ao agravamento dessa crise, os projetos de desenvolvimento estatal; de geração de renda, principalmente, nas regiões mais pobres (mas não só) acabou produzindo uma onda de estagnação por todo o país.

Dentro desse contexto, a principal motivação para o deslocamento forçado dos Warao foi, a princípio, buscar suprir suas necessidades básicas para alimentar a família, estabelecer-se num lugar, angariar recursos (dinheiro) através de “coletas” realizadas nas ruas, semáforos, tendo como objetivo acionar sua engrenagem de sobrevivência e, assim, também poder ajudar seus grupos de parentes que ficaram em sua terra de origem, além de almejar um trabalho/emprego para se manter e, assim, fortalecer sua autonomia.

Os primeiros contatos com os Warao

A partir de dezembro de 2019 ocorreram os primeiros contatos com os indígenas Warao no centro da cidade de João Pessoa, onde encontrei realizando *coleta urbana*², contudo, minhas atividades de observação participante só ocorreram no início março do ano de 2020 com apoio da Fundação Nacional do Índio (Funai), Ministério Público

² AYALA LAFÉE-WILBERT & WILBERT (2008) criaram a categoria “*coleta urbana*” para tentar fazer uma relação diferenciada no seu ponto de vista da categoria “*coleta deltana*”. Contudo, durante minha pesquisa de campo percebi que os Warao não fazem distinção do modo como realizam essas coletas. Não existe essa nomenclatura “urbana”, pois para eles a lógica é praticamente a mesma, ou seja, coletar materiais (orgânicos ou representantes de um valor simbólico, como o dinheiro) para sustentar suas famílias.

Federal (MPF), Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no intuito de podermos compreender a mobilidade dos grupos Warao presentes na capital paraibana e poder mitigar a situação de extrema vulnerabilidade social que estavam passando em meio pandemia da Covid-19. Através desses atores externos pude aproximar-me e colaborar com a instituição religiosa chamada Ação Social Arquidiocesana (ASA) que ficou sendo responsável pelo *sistema abrigamento* dos grupos Warao em João Pessoa desde o início do ano de 2020 quando o governo do estado da Paraíba firmou um convênio com essa instituição religiosa, que está vinculada a Arquidiocese da Paraíba no intuito de tentar de modo emergencial solucionar a situação desses indígenas venezuelanos.

Vale destacar que essa minha atuação no campo deve-se primeiramente a minha disponibilidade como antropólogo e vínculo como pesquisador de grupos de pesquisa da UFPB, além do convite para atuar de modo voluntário numa ação conjunta (Rede de Apoio) com representantes da Funai de João Pessoa/PB, auxiliando também as ações do MPF, DPU e, posteriormente, SPM e ASA, além de representantes do governo estadual e da prefeitura de João Pessoa.

Mantendo relação estreita com alguns indigenistas da Funai e outros parceiros, supracitados, comecei a deparar-me com o modo de vida desses indígenas venezuelanos, o que me despertou a curiosidade, principalmente no que diz respeito a sua mobilidade intensa por várias outras cidades e, com o decorrer do tempo também busquei aprofundar-me sobre a formação de uma rede solidariedade e suas articulações com outros grupos de parentes na Paraíba e outros estados brasileiros. Nesta perspectiva, aos poucos fui mantendo um contato, estreitando laços e criando relações interétnicas com as lideranças Warao, neste caso, principalmente com o grupo doméstico de Nilton Mata. Vale ressaltar que estou sempre respeitando os protocolos de saúde, usando máscaras e distanciamento social.

No que se refere a região Nordeste muitos grupos Warao se fixaram, a princípio, na capital do Maranhão, São Luís, posteriormente, alguns grupos seguiram uma rota³ migratória chegando a Teresina/PI, Recife/PE, Natal/RN, Fortaleza/CE ou João

³ Ao usar a categoria de “rota” neste estudo tive a intenção de seguir a lógica de caminho, itinerários específicos, mas também pensando na flexibilidade dessas rotas de modo estratégico para garantir a mobilidade dos grupos domésticos por outras cidades consideradas, segundo as lideranças, boas de coleta e, muitas vezes, são aconselhadas por uma rede de parentes. Sendo assim, existem vários tipos de rotas, por exemplo, rotas de coleta, de visitação, de processo de cura para reencontrar um curandeiro entre outras rotas.

Pessoa/PB. É importante destacar que muitos grupos Warao não ficam apenas nas capitais como destacadas aqui, mas também fazem parte do processo de mobilidade e estratégias de ação para realizar *coletas urbanas* fixar-se por um período temporário (ou por muito tempo) em cidades vicinais, muitas vezes, inseridas na região metropolitana das capitais.

Muitos grupos que estão vivendo aqui na capital paraibana seguiram a seguinte rota: Pacaraima/RR, Manaus/AM, Belém/PA, São Luís/MA, Teresina/PI até chegar a João Pessoa/PB. Vale ressaltar que nem todos seguiram essa rota descrita, pois o grupo doméstico de Nilton, por exemplo, de Belém do Pará passou uma temporada em São Luís/MA com um grupo de parentes numa abrigo e depois veio direto para a capital paraibana, devido a um contato pré-existente com sua irmã, Mirna, que já se encontrava nesta cidade desde agosto de 2019. Além disso, existe um grupo de parentes de Nilton que vive em Vitória da Conquista/BA e outro grupo mais em Recife/PE.

O encontro com o grupo de Nicacio em João Pessoa

Ao reaproximar-me da Funai⁴ de João Pessoa no início de 2020 entro em contato com alguns amigos e outros colegas desse órgão indigenista fui mantendo contato com os Warao e percebendo como e onde eles estavam vivendo em casebres no centro da cidade ou em Vilas na periferia da cidade e, posteriormente, foram realocados em alguns abrigos institucionais, onde a ASA gerenciava e mantinha o controle. Contudo, fui também observando com o tempo um fluxo de vários indígenas que viviam circulando por várias outras cidades da Paraíba, mas também pelos estados circunvizinhos, tais como Pernambuco e Rio Grande do Norte além da Bahia.

Calcado nessa experiência adquirida ao longo do tempo na Funai desde os anos de 2010, onde mantive contato interétnico intenso com os Potiguara e Tabajara e de uns tempos para cá, mantenho contato de modo mais intenso com os grupos Warao que frequentam com assiduidade os espaços urbanos de João Pessoa em busca de uma coleta urbana.

Em junho de 2020 após o grupo de Nicacio Mata ficar um período de quarentena por causa da infecção pela Covid-19 (LUCENA *et al*, 2021) passo a entrar em contato com esse grupo. Contudo, é de fundamental importância compreender também a relação

⁴ Nos anos de 2010 e 2011 estagiei na Funai de João Pessoa, Paraíba, ocupando o cargo de assistente administrativo dando suporte aos servidores e participando de algumas ações indigenistas (eventos) nas Aldeias do Povo Indígena Potiguara.

existente entre o abrigo de Nicacio e o abrigo de Rony, cujo pai desta liderança é irmão da sogra de Nicacio, ou seja, tio de sua esposa. Deste modo, podemos compreender melhor as dinâmicas locais do abrigo de Nicacio e Rony, cujo contato intenso com essas duas lideranças pude aproximar-me dos outros grupos Warao na Paraíba e outros estados brasileiros. Neste interim, fui compreendendo melhor com o auxílio de um outro interlocutor Warao a dinâmica da mobilidade e as circunstâncias do grupo doméstico de Nicacio. Segundo os relatos desse interlocutor o clima entre Nicacio e Mirna era bem tenso em muitos episódios, chegando a acusações de *brujeria* (feitiçaria), furtos e roubos, gerando conflitos intrafamiliares bem densos, à época.

Mas que relação tem o grupo de Nicacio Mata com o grupo de Rony Rattia⁵? As relações existentes entre esses dois grupos locais é de parentesco (AUGÉ, 1978), como já foi mencionado no parágrafo anterior, pois Nicacio é casado com a sobrinha segunda de Rony, cuja relação de afeto é muito forte. Além disso, existem vários parentes pertencentes as famílias nucleares que fazem parte do grupo de Nilton, por exemplo, vivendo no abrigo de Rony, como o sogro⁶ (parentesco por afinidade), incluindo o pai e os sogros de Rony com quem Nicacio mantém uma relação de afinidade e de muito respeito.

A partir de agora demonstrarei através de relatos etnográficos, tendo como base os casos empíricos do meu trabalho de campo que, nesse caso, constitui o grupo de Nicacio Mata, fonte dessa pesquisa e, assim, buscarei tecer a trajetória de vida desse grupo relacionada a um processo de deslocamentos da Venezuela para o Brasil, onde veio juntamente com outros grupos de parentes no início do ano de 2019, segundo relatos da liderança. O grupo de Nicacio vivia na comunidade rural chamada Aunaburu, pertencente ao município de Antónío Diaz – Delta Amacuro, região Nordeste da Venezuela. Vale ressaltar que o ego desse meu trabalho tem conhecimentos e formas de atuação bem distintas de outros grupos locais por ter muito forte uma relação com os curandeiros e suas práticas xamanísticas e, assim, um respeito enorme pelas entidades espirituais (LUCENA, 2021) que fazem parte da cosmologia desse grupo étnico.

⁵ É importante destacar que a maioria desses grupos se autonomizaram aqui no Brasil, inclusive muitos jovens e adultos se tornaram lideranças políticas quando fixaram moradia no território brasileiro, muito embora os anciãos ainda demonstrem a sua liderança moral. Alguns destes senhores são conhecidos como “Aidamo”, como são chamados os líderes Warao em suas comunidades.

⁶ O senhor Javier atualmente mantém uma união conjugal com a filha do Sr Licurgo, ou seja, com uma das irmãs de Rony.

Un día decidimo venir a Brasil...y fué asi.

Segundo Nicacio Mata, no início de 2019 saiu um grupo (40 pessoas, incluindo crianças) muito grande das comunidades de Aunaburu e Atoibo (*Isla Tobejuba*). De acordo com Nicacio alguns dos seus primos, como Dinê e Janiel (curandeiro) pertencem a essa última comunidade e ainda relata que sua irmã, Mirna, o ajudou a vir para o Brasil enviando dinheiro (empréstimo). Segundo o interlocutor, à época, Mirna estava vivendo no abrigo Perimetral em Belém do Pará.

O grupo de Nicacio saiu da comunidade indígena conhecida por Aunaburu situada numa região próxima do *caño Araguao*, pertencente ao Delta do rio Orinoco. Segundo os relatos do interlocutor, ao sair daquela comunidade com o seu grupo embarcaram em *curiaras* (canoas monóxilas), singrando pelas águas daqueles *caños* até chegar na embocadura do Araguao (*Boca de Araguao*), adentrando pelo rio Orinoco e desembarcar no Puerto de Barrancas de Orinoco, no estado de Monagas. De acordo com Nicacio, os grupos haviam chegado exauridos após navegarem por cerca de cinco dias e cinco noites. E nesta cidade (Barrancas), conhecida por muitos grupos Warao como sendo um Porto Central, onde muitos chegam para fazer visitas aos parentes que vivem nesse município e também realizar transações comerciais, onde podem vender mercadorias das mais variadas, incluindo até a venda de motores de embarcação (em casos de extrema necessidade) etc, comprar combustível e suprimentos alimentícios (farinha de trigo, açúcar, café, óleo etc). Além disso, de Barrancas de Orinoco muitos seguem por via fluvial até o *Puerto Volcan*, pertencente a cidade de Tucupita, capital do estado do Delta Amacuro e principal rota de comércio da região. Segundo algumas lideranças este é um percurso considerado bem longo. Segundo algumas lideranças Warao, muitos desembarcam nesse porto para vender suas mercadorias, por exemplo, artesanatos dos mais variados tipos, tais como chapéus, bolsas, redes (*chinchorros*) e cestaria. Se chegam até esta cidade a logística segue sendo a mesma utilizada na cidade Barrancas, ou seja, compram suprimentos alimentícios etc, mas também aproveitam a oportunidade para comprar outros materiais, por exemplo, insumos para a confecção de artesanatos e tingir fibras. Neste caso, adquirem diversos potes de tinturas (das mais variadas cores) à base de pigmentos artificiais, linhas de poliéster, *nylon*, além de outros novos materiais.

Após um período de descanso conseguiram fretar uma caminhonete e seguiram destino até a cidade de Los Barrancos de Fajardo. Ao chegar nesta cidade embarcaram numa balsa até chegar à cidade de San Félix. Nesta cidade do estado Bolívar foram até

uma rodoviária e embarcaram num ônibus com destino a Santa Elena de Uairen, cidade fronteiriça com o município de Pacaraima, no estado de Roraima. Ao chegarem nesta cidade do estado de Roraima Nicacio e o seu grupo se depararam com dezenas de grupos Warao em situação precária, amontoados, onde muitos estavam planejando seguir viagem até Boa Vista.

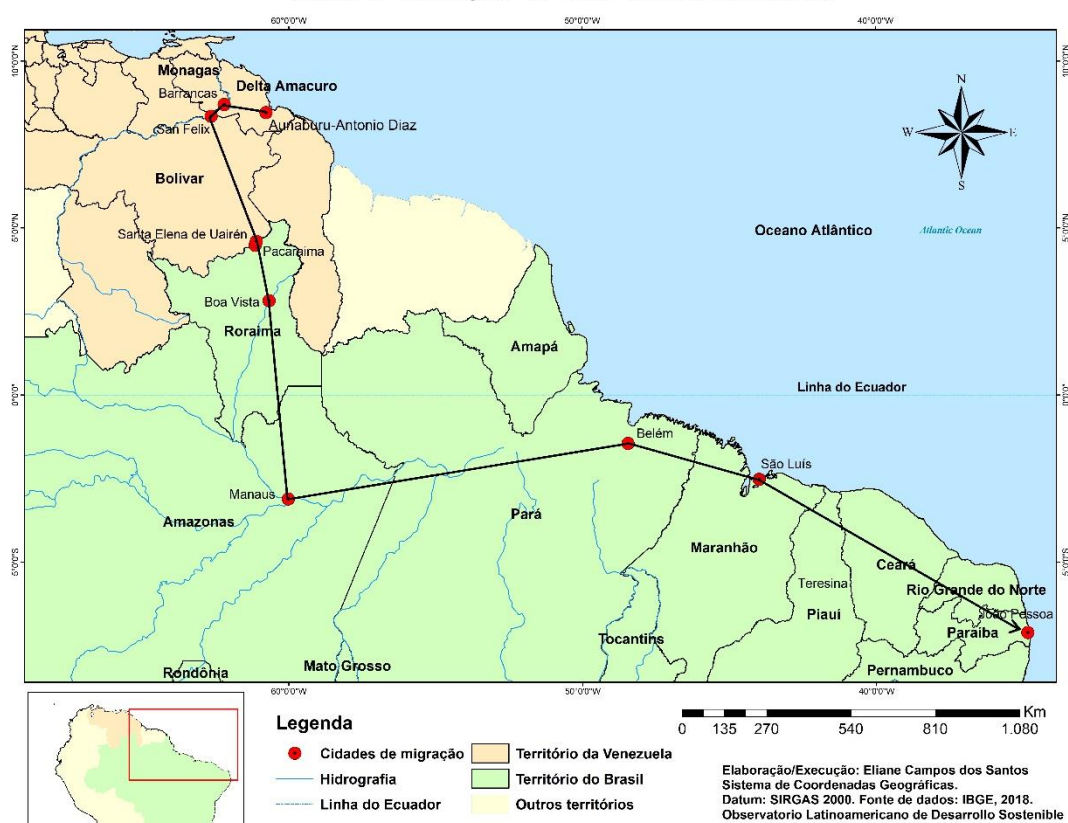
Segundo Nicacio, após passarem pela polícia federal e conseguirem realizar o cadastro e adquirir a documentação (Protocolo de Refúgio) seguiram logo para Boa Vista/RR, onde o seu grupo ficou por uma semana no terminal rodoviário com sua família nuclear e alguns parentes e em seguida saíram com destino a Manaus/AM, onde ficaram por 4 (meses), sendo um mês morando numa pousada, pagando o valor de R\$ 750,00 mensal e, posteriormente, conseguiu uma vaga no abrigo Alfredo Nascimento, localizado na Zona Norte da cidade, onde ficou por três meses. Da capital amazonense seguiram numa embarcação⁷ (R\$ 200,00 por pessoa), tendo como destino final a capital do estado do Pará, Belém. A viagem foi longa e teve uma duração de cinco dias e cada pessoa deve levar sua rede.

Na capital paraense ficaram por quatro meses num abrigo chamado por eles de “Perimetral”, onde ficaram junto com alguns outros parentes por um bom tempo e dali seguiram para São Luís/MA e nesta cidade puderam passar uns quatro meses. Segundo relatos de Nicacio, em Belém os recursos do seu grupo já estavam escassos e tiveram que trabalhar (coleta) de modo mais intenso pelas ruas da capital paraense.

Após essa passagem temporária pela capital maranhense Nicacio entrou em contato novamente com sua irmã (Mirna) e após ouvir seus conselhos tomou a decisão de viajar com seu grupo, tendo como destino a cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, onde, segundo os relatos da liderança, chegaram no mês de dezembro de 2019.

⁷ Este valor é comumente cobrado aos passageiros que desejam seguir numa embarcação que possui três andares, sendo o 1º para carga (carros, motos e sacas de castanha); o 2º onde fica um amplo espaço para cerca de 300 redes, os banheiros e um pequeno refeitório; e o 3º andar onde ficam a maioria das cabines, a sala de controle e a lanchonete.

ROTA DE MIGRAÇÃO DO GRUPO INDÍGENA WARAO



Mapa 1: Da Venezuela até o Brasil: A trajetória do grupo de Nilton Mata

Autora: Eliane Campos dos Santos

Ao chegar em João Pessoa sua irmã, Mirna, indicou ao grupo de Nicacio, onde poderia ficar. Mirna aconselhou o irmão a alugar uma pequena casa numa Vila localizada num bairro periférico, de fácil acesso e próximo ao centro da cidade, onde muitos grupos Warao costumam passar uma estada sempre quando chegam a João Pessoa, como foi o caso do grupo de Ruiz Rattia que percorreu uma trajetória parecida com a de Nicacio, no entanto, o grupo de Ruiz saiu de Teresina/PI, tendo como “porto seguro” a capital paraibana, onde a maioria de sua parentela está vivendo (LUCENA, 2020).

De acordo com os relatos de Nicacio ali no abrigo em “Perimetral” Belém/PA, ficaram junto de sua parentela e um curandeiro pertencente a um outro grupo Warao, mas aos poucos boa parte de seus parentes foram embora com destino a outras cidades da região Nordeste, Sudeste e depois de algum tempo sem expectativa de conseguir melhorias para suas famílias por ali e ainda sofrer com a falta de alimentos e dificuldades para fazer a coleta urbana na capital paraense e cidades circunvizinhas decidiu também viajar com seu grupo doméstico e, assim, seguiu com destino à capital paraibana. Vale destacar que esse roteiro de mobilidades já tinha sido trilhado por outros grupos de

parentes, então o que o grupo de Nicacio fez foi seguir a trilha dos seus parentes após uma comunicação com outras lideranças, incluindo sua irmã, Mirna. Outro ponto de destaque é que boa parte dos parentes de Nicacio Mata vivem no estado da Bahia, especificamente na cidade de Vitória da Conquista e chegaram em 2019 poucos meses antes do grupo de Nilton decidir vir para o Brasil.

Chegando em João Pessoa o grupo de Nicacio Mata não ficou por muito tempo e seguiu viagem para Recife/PE com a intenção de fazer uma visita a um outro grupo de parentes, cuja liderança é o seu sobrinho Tony Mata. Após alguns dias na capital pernambucana que resultou também num processo de cura, pois uma mulher do grupo de Nicacio estava doente e, segundo essa liderança era preciso “*sacar daño*” para curar, “*sacar la enfermedad y despues procurar saber qué brujo hizo esto*”. E esse processo de cura só poderia ser feito com um curandeiro conhecido e de confiança. Segundo Nicacio, em Recife havia três curandeiros muito bons.

Após alguns dias parte do grupo de Nicacio retornou à João Pessoa e planejaram outra viagem com destino a Vitória da Conquista/BA. Por lá passaram quase três meses nessa cidade baiana, onde tem muitos parentes, e percorreu outras cidades vicinais até chegar a Itabuna, onde reside um outro grupo de parentes (ponto de apoio) em busca, segundo Nicacio, de “uma boa coleta”, mas já estavam pensando em regressar para João Pessoa, onde continuam vivendo alguns grupos dos seus parentes. Contudo, ao regressar a capital paraibana, o grupo de Nicacio com pouco tempo na Paraíba, devido à dificuldade de realizar coletas pelas ruas, pois, segundo a liderança, existe uma proibição para que os grupos/famílias que estejam vivendo em abrigos sob a responsabilidade da ASA não podem sair fazendo esse tipo de trabalho com crianças pelas ruas. Diante disso, Nicacio já estava pensando em seguir viagem novamente para buscar recursos, ou seja, fazer coleta urbana em outro lugar, pois o movimento de arrecadação em João Pessoa estava muito ruim, fraco, segundo suas palavras. “*A coleta está mucho fraca, amigo*”.

Certa vez numa tarde de outubro de 2020 no abrigo desse interlocutor, ele acabou revelando que existem vários outros grupos Warao, vivendo em outras cidades do Pará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, além da Bahia e que muitos deles vivem por aqui porque estão tentando sobreviver, buscando melhores condições de vida e tem apoio de muitos grupos de parentes que já estavam morando em João Pessoa, enquanto outros moravam em outras cidades distantes, tais como Vitória da Conquista/BA, Belém/PA, São Paulo/SP e Belo Horizonte/MG.

Esse diálogo com essa liderança foi gratificante e despertou-me o olhar ao perceber que esses grupos indígenas Warao que estão aqui, na capital, são pontos de conexão; de apoio para os indígenas que estão em outras cidades e com seus parentes que ainda vivem com muita dificuldade nas comunidades rurais na região do Delta do Orinoco. Buscar mapear essas mobilidades⁸ desses grupos Warao é de fundamental relevância para poder compreender melhor essa dinâmicas que não tem a ver apenas com as coletas, mas envolve também toda a construção de uma territorialidade e autonomia dos grupos.

Sendo assim, a mobilidade e, conseqüentemente, a fixação temporária num espaço⁹ pode acabar moldando também a territorialidade de um grupo doméstico e, assim, criando um território fluido, onde os grupos Warao acabam não inculcando as noções geográficas, políticas, sociais e culturais de um território (municipal e estadual) delimitado durante seus deslocamentos a partir de suas dinâmicas locais aproximando-se de um material em construção, contudo, sem apresentar uma ordenação espacial definida e, dessa forma, o espaço social vai sendo construído e reconstruído a partir de suas necessidades. Além disso, as ações de repressão realizadas por agentes públicos (Conselho Tutelar, Polícia Militar etc) e/ou da sociedade civil através da xenofobia, discriminação racial, além da reprodução do discurso preconceituoso, xenofóbico e generalizante de que esses grupos locais (Warao) já possuem moradia e alimentação e, desse modo, não há necessidade de ajudar nem tampouco deles ficarem nas ruas e semáforos.

Considerações finais

É preciso atermos para o fato que a lógica desses grupos Warao na prática é similar a uma forma de trabalho, atividade denominada coleta ou *recolecta* e, assim, vivem buscando coletar (ou “*coletear*”, como alguns chamam) recursos para sobreviver e ajudar sua parentela. Eles têm consciência de que na atual situação não há outra alternativa disponível a não ser coletar. A criação desse vespeiro discriminatório acaba acionando

⁸ Seguindo a corrente de pensamento filosófica de Henry Lefebvre (2013) buscando uma conexão com o dinamismo local realizado pelos Warao nos espaços urbanos, pois segundo o autor o espaço é construído socialmente, tendo como suporte as relações econômicas, mas também tendo como lastro as relações sociais, culturais, memória e simbólica. Neste sentido, o autor afirma que a ideia do espaço inclui o mental, cultural, social e histórico. Neste sentido, essa teoria da produção do espaço idealizada pelo autor se encaixa de modo oportuno com a situação real vivenciada pelos grupos Warao que vivem no território brasileiro.

⁹ Segundo Raffestin (1993), a mobilidade e o espaço seriam anterior ao território.

um sistema de vigilância e punição (FOUCAULT, 2014) forçando a saída desses grupos locais daquela cidade, por exemplo. A reprodução desse discurso acaba sendo danosa, pois atrapalha o trabalho dos grupos Warao e gera uma desconfiança por parte das redes de voluntários que, muitas vezes com apoio de pequenas instituições religiosas arcam as despesas de moradia e alimentação dos grupos que não conseguem vaga em abrigos institucionais nem cestas básicas da prefeitura ou representantes do governo estadual.

Essa mobilidade espacial realizada pelos grupos domésticos acaba desembocando numa *territorialidade* e esta se configura como uma expressão cultural que deriva de território/espaço. Dentro dessa perspectiva, devemos pensar antes de mais nada, no modo de circunscrição territorial que o grupo produz, realiza em determinado espaço urbano de forma física e simbólica. No caso dos Warao a territorialidade apresenta uma dinamicidade que vai sendo produzida e reproduzida a cada mobilidade e espaço ocupado, tendo como base de apoio, muitas vezes, a sua experiência e o aconselhamento, troca de ideias com outros grupos domésticos que já passaram por ali ou ainda vivem no espaço, onde um grupo Warao se encontra.

Para concluir a discussão teórica sobre territorialidade se faz necessário, além de ser de fundamental relevância inserir nesse arcabouço teórico e a partir daí buscar compreender a categoria de *dinâmica territorial*. Segundo Mura (2019) a *dinâmica territorial* é um resultado das ações decorrentes de vários processos que são produzidos em determinado espaço geográfico, levando grupos étnicos, sociais a buscar um outro modo de se organizar no território e, assim, percebe-se que esse dinamismo está sempre num movimento contínuo.

Segundo o autor, esse movimento dinâmico apresentado (dinâmica territorial) se caracteriza como um [...] “movimento continuado no tempo, resultante de uma pluralidade de processos que ocorrem em um determinado espaço geográfico e que levam os integrantes de grupos sociais e étnicos a configurar e/ou ajustar territórios de um determinado modo”. (MURA, 2019, p 103).

Vale destacar também a noção de “estratégia de ação” também tem prestado significativa contribuição no sentido de viabilizar o entendimento das ações e das interações sociais do indivíduo com o fim de buscar satisfazer interesses particulares e de grupos corporificados em redes sociais. Tal noção foi desenvolvida por Fredrik Barth (2000), para quem o conceito de estratégia invoca uma sociedade na qual o sistema de normas se encontra fraturado por uma série de incoerências internas. Neste sentido, estratégia torna-se um termo chave ao se levar em conta as interações entre os indivíduos,

uma vez que por elas perpassam os seguintes aspectos: 1) a ação de cada indivíduo está sujeita à situação que se lhe apresenta, assim como aos recursos materiais que detém; 2) cada transação traz consigo certa dose de incerteza, uma vez que o resultado da ação depende da reação do outro indivíduo.

Do acima exposto, depreende-se que a noção de estratégia está, por conseguinte, profundamente relacionada à ideia de racionalidade. Desse modo, Barth (1981) “faz do indivíduo um ator”, capaz de realizar escolhas e de *tomar decisões* segundo seus recursos. Essas escolhas dependem, entre outras coisas, das previsões das ações e das reações de outros atores sociais dentro de uma “margem de manobra” que delimita um “universo de possíveis”. As várias estratégias são, então, traçadas ou abandonadas por parecerem satisfatórias ou insatisfatórias aos olhos do indivíduo, isto é, o sujeito espera que o valor a ser ganho, por exemplo, numa coleta de 4 (quatro) semanas numa cidade seja superior ao valor a ser perdido¹⁰.

Ao realizar uma análise teórica debruçei-me sob as concepções de mobilidade, solidariedade e fluxos culturais, mas também enveredando por outras abordagens antropológica e sociológica, tais como a categoria de “dinâmica territorial” (MURA, 2019), “socioação¹¹” (SIMMEL, 1983), desembocando em mobilidade espacial, onde decidi seguir a linha de pensamento do filósofo Lefebvre (2013), através da teoria da produção do espaço.

Pautado nisso, podemos perceber que as ações sociais estabelecidas por esse grupo local, engendrada pela liderança – Nilton Mata e refletindo sobre suas narrativas, além de tentar na prática buscar comprovações desses discursos reproduzidos não apenas pelos indígenas, mas principalmente pelos interlocutores não indígenas que estão diretamente entrando em contato com os Warao fui tecendo minha análise a partir da minha observação participante (e atuante) (GUBER, 2005) desde os meus primeiros passos nesse campo.

A liderança que mencionei anteriormente foi o ego dessa minha pesquisa de campo, muito embora outros atores sociais também tenham tido um papel fundamental nesse trabalho no contexto urbano e, por fim, descrevi como se dão essas “estratégias de

¹⁰ Por valor entende-se “um padrão detido pelos atores que afeta seus comportamentos por orientar suas escolhas (...) refere-se a um padrão de avaliação para o que as pessoas querem ter e ser” – grifos do autor (BARTH, 1981, p. 91-92).

¹¹ Para Georg Simmel (1983) uma sociedade vai tomando forma a partir do momento em que os atores sociais criam e recriam relações sociais de interdependência ou estabelecem contatos e interações sociais de reciprocidade. Desse modo, as fronteiras e limites de uma sociedade são difusos e extremamente transitórios.

ação” (BARTH, 2000), onde o grupo doméstico de Nelson realiza diversas mobilidades espaciais, buscando uma boa coleta (mas não só!) e, assim, construindo e reconstruindo suas territorialidades por cidades vicinais, mas também planejando ao seu modo encarar outras rotas longínquas, desembocando no “processo de sociabilidade” (SIMMEL, 1983), além da formação de uma rede de solidariedade, alimentada por “ciclos de reciprocidade” (SAHLINS, 1983) com seus parentes espalhados por outras cidades, por exemplo, Pernambuco (Recife) e Bahia (Vitória da Conquista), buscando fortalecer seus laços afetivos, mas também procurando algum curandeiro/xamã para realizar um processo de cura e, assim, vão acionando as suas memórias e os sentimentos arraigados ao seu lugar de origem (LITTLE, 1994).

O grupo de Nicacion monta suas estratégias, acionando uma engrenagem de sobrevivência em busca de realizar suas coletas urbanas, o que para esse grupo local significa uma forma de trabalho, de coletar (*recolecta urbana*) no intuito de angariar recursos e, conseqüentemente, tentar ajudar um grupo de parentes que ainda se encontra na comunidade indígena chamada Aunaburu situada no Delta Orinoco. Quando os Warao tomam a iniciativa de se deslocar para outra cidade estão buscando construir novos espaços e “mosaicos interseccionais” (LEFEVBRE, 2013), desembocando na construção de uma *territorialidade fluida*.

Além disso, os grupos Warao buscam algum tipo de trabalho, pois alguns são especialistas em fazer canoas monóxilas (*curiaras*) e de outros tipos, pilotam barcos a motor, fazem redes de pesca, casa de madeira, diversos tipos de artesanatos étnicos, além de saber pescar e plantar vários tipos de grãos, tais como milho; raízes – macaxeira; tubérculos: *Ocumo Chimo*; batata doce, inhame e macaxeira, além de legumes, como a cebola.

Posto isso, percebemos que essa engrenagem social criada pelos Warao só é reproduzida, ganhando força e dinamicidade a partir de sua mobilidade espacial porque do contrário a tendência é de sucumbir, ficando totalmente dependente de um regime tutelar; de um “poder pastoral” (FOUCAULT, 2009), predominante em muitos abrigos institucionais geridos por entidades vinculadas as esferas municipais ou estaduais que acabam terceirizando os serviços de acolhimento para alguma instituição religiosa ou empresa privada sem qualquer tipo de experiência em trabalhos assistencialistas (ou qualquer outro tipo) com indígenas.

Referências

- AUGÉ, Marc. **Os domínios do parentesco**. (*filiação, aliança matrimonial, residência*). Lisboa, (trad. Ana Maria Bessa) Edições 70 (col. Perspectivas do Homem, n.º 2), 1978.
- AYALA LAFÉE-WILBERT, Cecilia e WILBERT, Werner. *La mujer Warao de recolectora deltana a recolectora urbana*. Caracas: Fundación La Salle, 2008.
- BARNES, J. A. “**Redes sociais e processo político**”. In: FELDMAN-BIANCO, BELA (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: Métodos*. São Paulo: UNESP, 2010 [1969], p. 171-204.
- BARTH, T. Frederik. “**Os grupos étnicos e suas fronteiras**”, In: LASK, Tomke (Org.) *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*, Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000a [1969], p. 25-67.
- _____. *Process and form in social life: selected essayis of Fredrik Barth*. Vol. 1. London: Routledge & Kegan Paul, 1981.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. 42ª edição. Petrópolis, Editora Vozes, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. Editora Martins Fontes, 2009.
- INE - INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA: *Censo Nacional de Población y Vivienda 2011 Empadronamiento de la Población Indígena – Caracas, Venezuela, 2015*.
- LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitan Swing, 2013.
- LUCENA, Jamerson B. “Aquí, tá bom amigo”: uma reflexão sobre fluxos migratórios e estratégias de sobrevivência dos Warao em contexto urbano na cidade de João Pessoa, Paraíba. In: *Yakera, Ka Ubanoko: o dinamismo da etnicidade Warao*. (Org.) LIMA, Carmen Lúcia Silva.; CIRINO, Carlos Alberto Marinho; MUÑOZ, Jenny González. Recife: Ed. UFPE, 2020.
- LUCENA, Jamerson B. Impressões criadas sobre os indígenas Warao nas ruas de João Pessoa-PB em tempos de pandemia. In: *Dossiê Migrações, Mobilidades e Crises sanitárias*. Vol. 2. Revista Travessia. São Paulo. 2021.
- LUCENA, Jamerson B.; SANTOS, Anderson A. dos.; SILVA, Bruno R. da; VALLE, Carlos Guilherme Octaviano do.; PALITOT, Estêvão M.; OLIVEIRA, Kelly Emanuely de.; RODRIGUES, Tanielson (Poran Potiguara); SOUZA, Thaís Silva de. A COVID-19 E OS POVOS INDÍGENAS NA PARAÍBA: notas sobre um monitoramento epidemiológico em tempos pandêmicos. In: **COMPARTILHANDO SABERES: Etnicidade, saúde e produtividade acadêmica em tempos de pandemia**. Paraíba: Editora do CCTA/UFPB, 2021.
- MURA, Fabio. **À procura do “Bom Viver”**: Território, tradição de conhecimento e ecologia doméstica entre os Kaiowa. Rio de Janeiro: ABA publicações, 2019.

QUINTERO, Pablo. *Antropología del desarrollo*. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Kula, 2015.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Organização de Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.

SONEGHETTI, Pedro Moutinho Costa. Parecer Técnico acerca da situação dos indígenas das da etnia Warao na cidade de Manaus, provenientes da região do delta do Orinoco, na Venezuela. Procuradoria Geral da República/AM, 2017.

WILBERT, Werner; LAFÉE-WILBERT, Cecilia. **Los Warao**. In: FREIRE, Germán Nicolás; TILLET, Aimé. (Orgs.). *Salud Indígena en Venezuela*. Caracas, Venezuela: Ministerio del Poder Popular para la Salud,. Vol. 2, 2007.